

## *Apresentação*

**H**Á QUINZE ANOS, ENTRE A SALA de aula, a biblioteca e o gabinete do Professor Nachman Falbel, eu desvendava, entre a surpresa e a fascinação, os fundamentos daquilo que viria a ser o meu ofício, ao mesmo tempo que se iniciava um crescente, embora ainda inconsciente, interesse por tudo aquilo que concernia ao Mestre e suas temáticas. Era o segundo semestre do ano de 1994, e eu, que cursava História Medieval II, intuía aquilo que a cada dia ia-se tornando mais claro a meus olhos: naquela sala de aula, de um edifício chamado “Professor Eurípedes Simões de Paula”, em meio às leituras da correspondência episcopal, das regras monásticas e da legislação imperial, eu me encontrava diante daquele que viria a desempenhar o mais fundamental dos papéis em minha ainda incipiente vida acadêmica. O contato com as fontes, sua abordagem imediata (no sentido da ausência de quaisquer mediações) e o estímulo à busca pela identificação - e pela melhor leitura das mesmas - conduziram-me a caminhadas incessantes e prolongadas entre as estantes que continham obras de História Medieval, na antiga biblioteca do Departamento de História e Geografia da “Faculdade de Filosofia” da Universidade de São Paulo. Era somente o início de uma experiência sobre a qual eu sempre passaria a ter algo a dizer, embora a palavra jamais alcançasse sua amplitude e profundidade; hoje, ao escrever a respeito de meu Mestre e Amigo, percebo que a palavra não é suficiente para descrever sua pessoa, e tampouco é capaz de fazer justiça à sua trajetória.

Do Bacharelado em História na Universidade de Bar-Ilan, em Tel Aviv, Nachman Falbel trouxe consigo, para a Universidade de São Paulo, a questão, formulada anos antes por um de seus mestres, Avrom Saltman: “Por que os Espirituais Franciscanos tornaram-se heréticos?”. Acolhida em primeiro lugar pelo mesmo professor Eurípedes, cujos indiscutíveis méritos resultaram na acima mencionada homenagem póstuma, a questão tornou-se objeto de pesquisa, tese de doutoramento e reconhecida obra de referência para os estudos franciscanos no Brasil. A pergunta, reformulada nas aulas pelo Mestre, teve impactos, de naturezas diversas, em vários daqueles que viríamos a nos tornar seus discípulos.

Seu legado é, sem dúvida, imensurável: da pesquisa e da atuação junto à área de Estudos Judaicos às contribuições fundamentais para questões de Idade Média, sua produção é vasta e variada, porém rigorosa e cultivada. Trata-se de uma erudição que, possivelmente, passaremos a testemunhar cada vez menos nos meios acadêmicos; erudição que não reconhece limites e impõe-se, autônoma; erudição “à moda antiga”, já afirmam, com humildade e realismo, alguns de nossos colegas.

A expressão atribuída a São Bernardo de Claraval “somos anões nos ombros de gigantes” foi empregada, em seu tempo, para designar os contemporâneos com relação aos antigos filósofos e padres da Igreja. Ao refletir sobre a constituição dos estudos medievais no Brasil, não podemos deixar de reconhecer o papel fundamental que os trabalhos de Falbel, juntamente com aqueles de alguns de seus mestres e contemporâneos, desempenharam na consolidação da área de História Medieval, bem como na elaboração de uma produção de excelência acadêmica - inspiração para todos nós e legado para as gerações vindouras. Ao referir-nos, portanto, ao lugar ocupado por nosso Mestre no conjunto dos estudos medievais no Brasil, não podemos deixar de recorrer ao Doctor melifluus, reconhecendo-nos a nós mesmos como ainda muito pequenos, e aspirando a uma fração diminuta dos atributos pelos quais o conhecemos e admiramos.

A celebração de Nachman Falbel e de sua produção que, por meio deste volume agora se concretiza, é mais do que meritória: é imperativa. O caminho que nos conduziu até ele também nos uniu a todos, neste conjunto de escritos. Trata-se de trabalhos que muito dizem sobre nós mesmos, mas que, fundamentalmente, ligam-nos de forma indelével a nosso querido Professor. Sua marca está presente no dia-a-dia de nosso trabalho, na forma de conduzir nossos questionamentos, no cuidado e respeito pela escrita, na crítica que dirigimos a nós mesmos, enquanto seres humanos. O respeito, a admiração e a amizade que hoje expressamos pela pessoa e pela obra de Nachman Falbel são, também, o signo da autonomia, do livre pensar, expressos nestes escritos e sempre por ele cultivados. Nossa sincera homenagem não pretende, em contrapartida, esgotar as temáticas e conteúdos de uma produção tão vasta e variada quanto o são os próprios discípulos e sua produção. Sempre haverá muito a fazer e dizer acerca do homem e da obra e, neste volume, estabelecemos um marco. Juntamente com nosso incansável Professor Nachman Falbel, vamos seguir o caminho que temos trilhado. Afinal, longa é a arte, breve é a vida.

**Ana Paula Tavares Magalhães**

São Paulo, 03 de maio de 2009